

# INTRODUÇÃO

TEREZA MARIA DA SILVA FERREIRA

Doutoranda em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).  
E-mail: <terezaceifa@hotmail.com>.

A presente coletânea trata de abordagens sobre os pensamentos e contribuições de Foucault refletidos nos ramos da educação. No primeiro capítulo desta obra, as autoras abordam **o poder disciplinar do corpo em meios virtuais, especificamente a pornografia de revanche**. Com o aumento da utilização da internet e do acesso às informações em tempo real, aumentaram-se também as possibilidades de conexões perigosas e dos chamados crimes virtuais. Com o apoio das obras de Michael Foucault, as autoras discutem sobre a origem do poder disciplinar na sociedade e da assimilação da sexualidade em sua complexidade, reflexos das carregadas relações de poder entre os seres.

No segundo capítulo, as autoras tratam do **ensino superior e a repressão, fazendo uso de memórias e lembranças da ditadura militar de 1964**. O regime militar de 1964 deixou profundas marcas na história da educação brasileira, particularmente nos processos de ensino na escola média e na superior, as quais sofreram alterações devido ao proclamado nacionalismo militar, que transformou a difusão das ideias comunistas em grave crime contra a pátria. A repressão praticada por militares silenciou movimentos de educação popular por meio da truculência perpetrada em ações abusivas, incluindo invasões a universidades com a finalidade de promover violência física e intelectual. As autoras abordam as intervenções realizadas na educação pelo governo repressivo militar antes da Reforma Universitária, analisando a conjuntura social e política que culminou em interferências do governo militar na educação.

No terceiro capítulo, os autores dedicam-se a um **estudo sobre o corpo dos condenados e sobre as prisões políticas no Brasil no período da história brasileira que corresponde ao golpe militar do pós-1964**. Os autores trazem à tona as contribuições teóricas de Foucault sobre a prisão como o lugar onde o poder não se esconde, mas é transparente e se manifesta em toda a sua intensidade, demonstrando como a prisão é o único lugar onde o poder pode se manifestar em estado puro, em suas dimensões mais excessivas, e se justificar como poder moral. Os autores argumentam como esses espaços têm sido o lugar privilegiado no período autoritário, para produzir rituais de suplício e sofrimento. Por meio das lembranças de quem vivenciou a repressão, os suplícios e a tortura, buscam entender como a memória heroica pode ser transformada em memória envergonhada, que se esconde nos escaninhos da história, justificando-se eternamente pelo fato de dizer o que não deveria ter dito. São lembranças amargas que marcaram a vida dos militantes de esquerda da década de 1970.

A **educação do corpo na sociedade disciplinar** é discutida no quarto capítulo, com o intuito de pensar a respeito da sociedade disciplinar, enfocando a questão da educação do corpo e seu disciplinamento. Os autores fazem uma discussão histórica da gênese dos construtos da sociedade disciplinar e demonstram como o quadriculamento disciplinar se tornou um dispositivo útil para administrar as massas difusas e desordenadas de corpos, atuando sobre elas e, assim, produzindo uma multiplicidade ordenada, no seio da qual o sujeito moderno emerge como alvo do poder. Os autores esmiuçam como a educação do corpo se estrutura dentro de uma sociedade disciplinar e das concepções não jurídicas do poder.

O *Jornal das Moças e os construtos* de Simone Beauvoir serviram de mote para uma discussão sobre a educação feminina no quinto capítulo. As autoras trazem à baila uma discussão sobre a luta para a emancipação feminina. Talvez a produção mais lida, discutida e polemizada já produzida no seio acadêmico sobre a condição social da mulher no mundo. Essa obra de Simone Beauvoir possibilita um grande debate sobre a necessidade da liberdade feminina em seu sentido amplo. As feministas e transgressoras como Beauvoir amadureciam novas concepções sobre o Ser Mulher, as quais se distanciavam cada vez mais daquelas apregoadas pelo discurso biológico e religioso em uma sociedade disciplinadora. A revista carioca *Jornal das Moças* era um periódico destinado apenas ao público feminino, sendo, portanto, portadora de uma pedagogia feminina, seguramente desejada e compartilhada não apenas pelas moças cariocas. Ainda no primeiro exemplar do *Jornal das Moças*, datado de 1914, a revista apresenta algumas características que as mulheres deveriam possuir. Para ficar mais elucidativo, já que se trata de um texto carregado de ordenações morais, importantes de serem salientadas, as autoras o dividem em dois momentos, entretanto sem interferirem na ordem textual. O texto apreende e difunde condutas importantes, visivelmente pautadas na civilidade, educando suas leitoras e preparando-as para exercerem sua feminilidade.

No sexto capítulo, os autores fazem um brilhante percurso analítico sobre o *Bicho de sete cabeças*, filme de drama brasileiro baseado no livro autobiográfico de Austregésilo Carrano Bueno, *Canto dos Malditos*. A produção cinematográfica foi lançada em 2001, na qual se retrata a história de Neto, um garoto de 17 anos que reside em Curitiba. A trama do longa-metragem se desenvolve em

meados dos anos 1970. Neto compunha um grupo de jovens que eram considerados “diferentes”, o grupo dos descolados. Na perspectiva de abordagem biográfica, busca-se compreender a vida de um indivíduo tendo o cuidado para não percebê-la apenas de forma linear, mas de modo a propor descobertas acerca de sua complexa história. A reflexão aventada por esse trabalho nos permite perceber o processo de constituição na definição da loucura como doença mental e como forma de tratamento do uso de drogas, no sentido de possibilitar repensarmos novas maneiras de relação vinculadas a ela, para além da psiquiatria e da psicologia, concebendo relações em uma dimensão política, social e principalmente educativa, tendo como referência as experiências subjetivas dos sujeitos.

Os autores de a “**A moral social e a evolução de sua discussão acadêmica**”, no sétimo capítulo, elucidam historicamente a construção da moral social, suscitando uma discussão sempre recorrente referente às dicotomias homem bom e homem mau. Os autores trazem como questão central a ideia de homem disciplinado. Em Foucault, a disciplina é tida como um instrumento importante para a dominação. Ela conduz os indivíduos à submissão das leis, dos superiores, dos mestres e das autoridades, produzindo uma escala de poder hierárquica, além de estabelecer a ordem na sociedade e nas instituições, tanto públicas quanto privadas.

Por último, e não menos importante, abordando uma temática recorrente no debate político na sociedade brasileira atual, no capítulo de desfecho desta obra, o autor articula uma discussão sobre **prisão, redução da maioria penal e educação na perspectiva foucaultiana**. A tessitura textual se dá em meio a uma ampla discussão atual sobre o aumento da delinquência e da violência no Brasil, abordando-se, em função dessa conjuntura, a proposta de

redução da maioria penal no país. Busca-se entender se a redução da maioria penal estaria alinhada a uma estrutura carcerária que não apenas criminalize adolescentes, mas que, de fato, promova a educação e a ressocialização dos adolescentes de comportamentos desviantes. Discute-se até que ponto a estrutura carcerária brasileira estaria preparada para fazer o adequado e necessário acompanhamento psicossocial desses jovens, mirando na educação, reinserção social e superação do estigma. Assim, o autor procura responder às seguintes questões: Quais os verdadeiros impactos da redução da maioria penal no Brasil? O sistema carcerário corrige o homem pervertido? Existem outras alternativas para combater a crescente delinquência e violência no Brasil? A redução da maioria penal tornará mais vulneráveis as crianças e adolescentes em dificuldades socioeconômicas? A nossa estrutura carcerária está preparada para suportar a crescente demanda prisional? E o que pensam os jovens que cometeram atos infracionais na adolescência e passaram pelas instituições de internação?

Esperamos que a leitura desta coletânea possibilite um desnudamento dos dispositivos e mecanismos do infrapoeder disseminados nas sociedades disciplinares. Esperamos ainda que o leitor compreenda como se dá o adestramento e amansamento dos sujeitos. Este é o papel da disciplina dentro do contexto de dominação, tornar o sujeito manso, dócil e produtivo dentro de uma sociedade, de forma contínua e permanente. A disciplina está presente o tempo todo, no tempo e nos espaços dos sujeitos, por onde transitam, estudam e trabalham. Ela está em todos os lugares: na rua, na escola, no quartel, no hospital, enfim, em todas as instâncias sociais. Aí está a atualidade de Michel Foucault: mostrar que as sociedades modernas precisam de corpos úteis, inteligíveis, manipuláveis, modeláveis, treináveis e obedientes.